

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

A CRIANÇA, O CORPO E A
LINGUAGEM CORPORAL



**PREFEITURA
CONTAGEM**

Uma cidade cada dia melhor.

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

**VOLUME 7:
A CRIANÇA, O CORPO E A
LINGUAGEM CORPORAL**

2012



Uma cidade cada dia melhor.



FICHA TÉCNICA

PREFEITA MUNICIPAL
Marília Aparecida Campos

VICE – PREFEITO
Agostinho da Silveira

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Lindomar Diamantino Segundo

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Dimas Monteiro da Rocha

COORDENADORA DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Maria Elisa de Assis Campos

REVISÃO
Luciani Dalmaschio

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fernanda Cristina Mariano Diniz
Mário Fabiano da Silva Moreira

AUTORAS DO DOCUMENTO

CONSULTORIA PEDAGÓGICA
Fátima Regina Teixeira de Salles Dias
Vitória Líbia Barreto de Faria

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Lucimara Alves da Silva
Rosalba Rita Lima
Valma Alves da Silva

ASSESSORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Cibelle de Souza Braga – NRE Industrial/Riacho
Darci Aparecida Dias Motta – NRE Sede
Érica Fabiana Beltrão Pereira – NRE Vargem das Flores
Liliane Melgaço Ornelas – NRE Eldorado
Maria Elizete Campos – NRE Petrolândia
Micheli Virgínia de Andrade Feital – NRE Eldorado
Sandro Coelho Costa – NRE Industrial/Riacho
Sílvia Fernanda Mutz da Silva – NRE Ressaca/Nacional
Sônia Maria da Conceição Félix – NRE Sede

COLABORAÇÃO

Ghisene Santos Alecrim Gonçalves – NRE Ressaca
Pauline Gonçalves Cardoso Duarte – NRE Nacional

GRUPO DE TRABALHO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO CADERNO A CRIANÇA, O CORPO E A LINGUAGEM CORPORAL

Ana Paula Aguiar da Silva – CEI Santa Filomena
Cristiane Diniz Oliveira – CEMEI Pés No Chão
Daniele Aparecida Diniz – CEI Lírio do Vale
Darci Aparecida Dias Motta – Coordenação do Grupo
Leila Henriques Lima Lopes - E.M. D. Babita Camargos
Maristela Aguiar da Silva– CEI Santa Filomena
Regiane Martins Costa Ribeiro – E.M. Sebastião Camargos
Regina Magalhães Gomes da Silva – E. M. Francisco Borges

CO-AUTORAS

Profissionais da Educação Infantil da Rede Municipal e da Rede Conveniada de Contagem

APRESENTAÇÃO

A publicação da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** vem coroar o trabalho de reflexão sobre o currículo a ser desenvolvido com as crianças dessa etapa da Educação Básica, realizada pelas profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil públicas e conveniadas de Contagem.

A Coleção, construída a partir das dúvidas e inquietações das profissionais, tem como objetivo orientar o processo de elaboração da proposta curricular de cada instituição, fomentando a discussão sobre a prática educativa. Essa atitude democrática de construção coletiva é uma das marcas da política municipal que estamos gestando na cidade e que visa à garantia do direito da criança a uma Educação Infantil de qualidade.

A proposição de um currículo para a Educação Infantil, consubstanciada na Coleção que ora apresentamos, pretende ser um material aberto, flexível, coerente com as concepções de criança, de infâncias, de Educação Infantil, de aprendizagem e desenvolvimento que a política municipal de educação defende, além de provocar a articulação entre teoria e prática, explicitando os objetivos, os saberes e conhecimentos que possibilitaremos que as crianças vivenciem nas nossas instituições.

A Coleção, ao provocar a reflexão e ao desconstruir propostas prescritivas que meramente apontam conteúdos a serem desenvolvidos, busca uma relação interativa com a profissional que atua na Educação Infantil. Nosso objetivo é possibilitar às crianças contagenses experiências que as toquem, as transformem e as considerem cidadãs. Experiências que serão plurais, variadas, diversas, assim como o são as propostas pedagógicas que desenvolvemos na cidade, que têm como eixo comum a formação humana dessa criança, considerando sua especificidade e as concepções que acreditamos.

Esperamos que a leitura dos cadernos da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** estabeleça um diálogo fértil sobre a Educação Infantil em nossa cidade. Um diálogo que garanta tempos e espaços para a vivência de uma infância cidadã, na qual a criança possa se apropriar do mundo e da cultura, tornando-se cada vez mais humana.



Lindomar Diamantino Segundo
Secretário de Educação e Cultura



Marília Campos
Prefeita de Contagem

Contagem. Minas Gerais. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A criança, o corpo e a linguagem corporal/ Prefeitura Municipal de Contagem. - Contagem: Prefeitura Municipal de Contagem, 2012.

ISBN Coleção: 978-85-60074-08-2
ISBN Volume: 978-85-60074-15-0
32 p.: il. - (Currículo da Educação Infantil de Contagem, 7).

1- Educação Infantil. 2- Currículo. 3- Linguagem corporal. 4- Corpo. 5- Sexualidade. 6- Campos de Experiências. I- Título. II- Série.

CDD: 372.21

INTRODUÇÃO

A Coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** tem como objetivo orientar o processo de construção da proposta curricular de cada instituição de Educação Infantil de Contagem. Trabalhamos nessa Coleção com o seguinte conceito de currículo:

Conjunto de experiências culturais relacionadas aos saberes e conhecimentos, vividas por adultos e crianças numa instituição de Educação Infantil – IEI –, na perspectiva da formação humana. As experiências vividas nessa caminhada são selecionadas e organizadas intencionalmente pelas profissionais da IEI, embora estejam sempre abertas ao imprevisível. O currículo é um dos elementos do PPP, devendo se articular com os demais elementos desse projeto e ser norteado por suas concepções. Nesse sentido, a seleção das experiências é determinada pelas necessidades e interesses das crianças com as quais a IEI trabalha, considerando as especificidades do seu desenvolvimento e do contexto onde vivem, a diversidade que as caracteriza, bem como pelas exigências do mundo contemporâneo.

Esse conceito procura consolidar uma concepção que leve em conta o contexto em que a Instituição de Educação Infantil está inserida e que coloque a criança na centralidade do processo pedagógico. Nessa perspectiva, a criança é sujeito de sua ação e reflexão, possibilitando, a partir da interação com outras crianças e com adultos e das experiências que vivencia nas relações sociais e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento, sua formação humana.

A Coleção está organizada em onze cadernos, a saber:

- **Discutindo o Currículo da Educação Infantil de Contagem;**
- **A Criança e a Linguagem Oral;**
- **A Criança e a Linguagem Escrita;**
- **A Criança, o Brincar e as Brincadeiras;**
- **A Criança e o Mundo Social;**
- **A Criança, o Cuidado e as Relações;**
- **A Criança, o Corpo e Linguagem Corporal;**
- **A Criança, a Música e a Linguagem Musical;**
- **A Criança, a Arte e a Linguagem Plástica e Visual;**
- **A Criança e o Mundo Natural;**
- **A Criança e a Matemática.**



O caderno **Discutindo o Currículo da Educação Infantil de Contagem** apresenta e detalha o conceito de currículo adotado pelo município e as concepções que norteiam o trabalho na Educação Infantil. Apresenta, ainda, o histórico do processo de construção da Coleção e destaca a necessária relação que cada instituição deve estabelecer entre seu currículo e seu Projeto Político-pedagógico.

Os outros dez cadernos, cada um identificado por uma cor específica, apresentam os campos de experiências a serem trabalhados com as crianças. Em cada um deles busca-se fundamentar a discussão sobre o campo de experiência, elencar objetivos, saberes, conhecimentos e experiências e apontar possibilidades de trabalho.

As fotos utilizadas na Coleção retratam propostas de trabalho desenvolvidas nas Instituições de Educação Infantil da cidade. Já os desenhos, foram produzidos pelas crianças especialmente para essa Coleção; uma forma alegre e colorida delas dizerem para nós, profissionais, como veem o que tem sido desenvolvido nas instituições. Esses desenhos constituem um texto a ser lido e permitem a produção de outros sentidos para a nossa prática pedagógica.

Outro ponto que gostaríamos de salientar na Coleção foi a opção por tratar no feminino as profissionais que atuam na Educação Infantil. Poderíamos ter optado pela forma masculina/feminina, mas preferimos dar destaque às mulheres, que são maioria na atuação nas IEI. Com isso, não estamos dizendo que esse é um campo fechado aos homens, mas apenas valorizando e destacando a força e a presença feminina na Educação Infantil de Contagem.

Esperamos que a Coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** possa enriquecer as práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas nas instituições. Nesse sentido, convocamos as educadoras, nossas interlocutoras privilegiadas, para discutir a efetivação de uma educação de qualidade a partir de um trabalho com as crianças que esteja pautado no respeito mútuo, na construção de saberes e conhecimentos e na formação integral; um trabalho que incite novas aprendizagens e que seja estimulador para todos e todas.

Equipe da Educação Infantil





2012

A CRIANÇA, O CORPO E A LINGUAGEM CORPORAL

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem

Silvana Goellner

DELIMITAÇÃO

Este campo de experiência, na Educação Infantil, diz respeito a aspectos relacionados ao corpo, com ênfase nos movimentos, na expressividade, nas sensações, na saúde e na sexualidade.

1 FUNDAMENTAÇÃO

1.1 O que é esse campo de experiência e qual o seu significado?

Na interação com outros seres humanos, o corpo biológico vai, gradativamente, sendo marcado e continuamente alterado pela cultura e pelos valores de determinado tempo histórico; suas necessidades e desejos mudam progressivamente. Ainda que ele seja lugar de expressão da nossa subjetividade, é nele que a cultura deixa suas marcas. É nele e com ele que conhecemos o mundo; é com ele que nos movimentamos; é ele que expressa nossos sentimentos e emoções; é nele que experimentamos as sensações despertadas pelos estímulos externos; é com ele que vivenciamos nossa sexualidade; é com ele que perpetuamos a nossa espécie. A primeira forma de linguagem da criança é o movimento e ela utiliza o corpo para dialogar com o outro. A capacidade de movimentar-se e criar movimentos amplia a interação entre os humanos.

Enfim, é no corpo que a vida se consubstancia, se revela, se apresenta, se materializa. Portanto, não se pode conceber o corpo como instrumento, mas como lugar e espaço da manifestação da nossa humanidade.

Sendo assim, a criança não aprende apenas a andar, a falar, a comer, a controlar os esfíncteres, etc. Ela aprende, também, a maneira de andar, de se comportar e falar nos diferentes lugares, o gosto por determinados alimentos, o manuseio dos ar-

tefatos culturais para se alimentar, a forma correta de utilizar o banheiro, entre outros. A cultura molda nossos gestos, nossa forma de expressar sentimentos e emoções, nossas sensações, nossos hábitos de higiene e saúde e nossa sexualidade.

Sob essa perspectiva, o corpo “não é apenas uma construção pessoal, mas social e política” (TIRIBA, 2005, p. 191) que, ao inserir-se no mundo, também produz cultura, na medida em que imita, repete, nega ou transgredir os saberes, os conhecimentos, as normas e os costumes. Ao se tornar “cultural”, humanizado, o corpo “fala”, manifestando emoções, ideias, valores, preconceitos e sentimentos.

O corpo, como resultado da cultura, sente o mundo e, por isso, não é estático. Ele é provisório, mutável e mutante, permitindo que os seres humanos, ao assumirem determinadas referências, façam cultura, realizando, dia após dia, uma educação que é também corporal. Uma educação que explicita os modos de ver e tratar o corpo, possibilitando à criança a construção de suas identidades e subjetividades, que perpassam por questões etnicorraciais, de gênero, etc.

Nesse sentido, passa a ser responsabilidade das instituições de Educação Infantil – IEI - possibilitar que as crianças vivenciem o movimento, a expressividade, as sensações, o cuidado/autocuidado e a sexualidade, contemplando, nesse processo, a diversidade que nos caracteriza como humanos. Trata-se de refletir sobre a integralidade da criança, admitindo que corpo, sensações e emoções são aspectos indissociáveis da humanidade, determinados pelo biológico, pelo social e pelo cultural.

Esse olhar remete à necessidade de se criar possibilidades interativas que instiguem nas crianças o seu desejo natural de explorar a multiplicidade de manifestações culturais relacionadas ao corpo.

O debate sobre o trabalho com o corpo já se encontra contemplado no campo das políticas públicas, o que pode ser verificado, entre outros documentos, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI -, no Referencial Curricular para a Educação Infantil – RCNEI e na Lei 10639/03, que, ao modificar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), inclui no currículo oficial da Educação Básica a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-brasileira e Africana”.

As DCNEI, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em dezembro de 2009, preconizam que

[...] as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; [...] VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar. (BRASIL, 2009, p.4).

Uma das principais características da criança de 0 até 6 anos é que ela está em pleno desenvolvimento motor. Assim, do ponto de vista biológico, ela está potencialmente em condições de descobrir os limites e as possibilidades do seu corpo.

Na relação com o meio, mediada por outros sujeitos, seu corpo se constrói e reconstrói na síntese das determinações culturais, sociais, biológicas e psicológicas.

Nessa direção, o RCNEI, aprovado em 1998, já afirmava que o movimento, os gestos e as expressões ganham significado na cultura, assim como é na cultura que se aprende o manuseio de objetos específicos tais como pás, lápis, bolas, bolas de gude e outros. Esse documento reconhece também que,

o movimento para a criança pequena significa muito mais que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage usando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto de atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressivas, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos. (BRASIL, 1998, p. 18).

Nesse trabalho com o corpo a ser desenvolvido cotidianamente nas IEI, é necessário atentar para o fato de que os corpos das crianças negras e pardas trazem marcas sociais que os inferiorizam e desqualificam. Por isso, cabe, aqui, especial atenção à lei 10639/03, cujo objetivo é possibilitar “que a população negra apareça no espaço educacional de forma efetiva e não apenas em datas comemorativas. Nestes conteúdos estão incluídas, ainda, a luta, a resistência do povo negro e a sua participação na formação da sociedade brasileira.” (BRANDÃO;TRINDADE, 2010, p. 24).

Contudo, mais do que atender a determinações legais, as profissionais que lidam cotidianamente com as crianças precisam estar atentas para o fato de que as características físicas da criança, o meio no qual ela nasce e a cultura mais ampla na qual está inserida deixam marcas no seu corpo. Marcas que precisam ser compreendidas, significadas, ressignificadas e, não raro, problematizadas. Assim como as crianças negras, também as meninas, as crianças com deficiência, as gordas, as altas, as muito magras, as que usam óculos podem sofrer preconceitos e discriminações por parte de outras crianças e de adultos. Ao serem detectadas, essas situações precisam ser discutidas, esclarecidas e, na medida do possível, descon-





truídas. A intervenção do profissional deve ser sempre no sentido de ajudar todas as crianças a terem uma autoimagem positiva, a respeitarem o próprio corpo e o corpo das outras pessoas, a reconhecerem e respeitarem a diversidade com a qual se deparam constantemente no convívio social, a ampliarem sua capacidade de comunicar com o corpo.

Se o corpo fala, a linguagem corporal se manifesta quando a criança corre, anda, salta, rola, brinca com o corpo - **movimento**; quando ela dança, gesticula, faz mímica, interpreta, dramatiza, expressa, oral e corporalmente, sentimentos, desejos e necessidades - **expressividade**; quando externa bem estar ou mal-estar nas diversas situações que vivencia - **sensações**. Então, é fundamental que as IEI procurem considerar os movimentos, as sensações e a expressividade do corpo como formas privilegiadas de manifestação de cultura, de prazer e de aprendizagem. Sendo assim, a valorização das brincadeiras infantis, do teatro e da dança são fortes aliados no processo de construção e expressão de conhecimentos e saberes e de humanização da criança.

Nesse sentido, a realização de atividades sensoriais, expressivas e de movimentos corporais possibilita que a criança amplie sua noção espacial, uma vez que o corpo é o primeiro espaço que ela conhece e reconhece; é a partir dele que ela explora o espaço externo. Portanto, não há espaço externo que se configure sem envolvimento do corpo, assim como não há corpo que não ocupe um espaço. O espaço é o lugar no qual o corpo pode mover-se e o corpo é o ponto em torno do qual o sujeito organiza o espaço. Estimular a linguagem corporal é possibilitar que a criança se conheça, conheça o mundo e se manifeste sobre o que conhece.

Mas, além do desenvolvimento da linguagem corporal, manifestada no movimento, na expressividade e nas sensações, o trabalho com o corpo possibilita à criança construir sua autonomia e conquistar sua independência em relação aos adultos. Para tanto, as profissionais das IEI devem desenvolver atividades que visem consolidar as práticas de autocuidado - higiene pessoal, movimentação segura nos diferentes espaços, limpeza da instituição e cuidado com o meio ambiente -, que podem ser trabalhadas em momentos coletivos - escovação dos dentes, higienização das mãos, recolhimento de brinquedos, deslocamentos dentro e fora da sala de atividades e da instituição, etc. - ou em momentos individuais - hora do banho, troca de fralda e uso do banheiro, por exemplo.

Além disso, a criança também precisa sentir que sua natural curiosidade sobre as questões relacionadas à sua sexualidade é considerada, respeitada e respondida pelos adultos com os quais lida cotidianamente. É interessante levar em conta que a sexualidade faz parte da vida da criança desde o seu nascimento e que uma postura mais tranquila e equilibrada diante dessa questão, por parte dos adultos, exerce grande influência na construção de uma sexualidade sadia e sem culpa.

Finalmente, o que se deseja mesmo é que todos que lidam com a educação da criança de 0 até 6 anos de idade compreendam o corpo como construção biológica e cultural e que trabalhar na perspectiva da formação humana exige atenção a esse campo de experiência. Afinal, nossos corpos dizem muito de nós, de nossas origens, mas também dizem muito da instituição e da sociedade a que pertencemos.



1.2 Como o conhecimento sobre esse campo de experiência foi construído historicamente pela humanidade?

Atualmente, é bastante aceita a teoria de que o homem só foi capaz de produzir conhecimento e se apropriar do ambiente ao começar a se locomover de forma ereta, ampliando, assim, seu campo de visão. Essa motricidade, específica do ser humano, aliada ao desenvolvimento das funções mentais superiores (a função simbólica, atenção, percepção e memória), à construção da cultura e ao estabelecimento de relações sociais, permitiu a supremacia do homem sobre os demais animais. Portanto, o aumento da possibilidade de movimentação favoreceu o desenvolvimento intelectual da espécie humana.

Essas potencialidades físicas e mentais permitiram que o homem, mesmo que, inicialmente, de maneira elementar, passasse a se organizar política e socialmente, significando e ressignificando continuamente o seu corpo de acordo com as necessidades e exigências de cada tempo histórico.

Ao traçarmos o percurso histórico das atividades físicas da espécie humana, percebemos que o corpo é um espaço ilimitado de possibilidades, fortemente influenciado pelo seu entorno e que se constitui de sentidos, sentimentos, formas, cores, gestos, sabores, cheiros, roupas, adornos, linguagens...

De fato, o homem pré-histórico, na luta pela sobrevivência, utilizava o corpo para se defender dos animais e de outros homens; para caçar, pescar e procurar moradias mais seguras; para cultuar seus deuses e realizar seus rituais. Ainda preso aos mitos, combinava dança, música e dramatizações, utilizando-as para comemorar a volta do sol na primavera, para reverenciar os deuses e pedir-lhes sucesso nas caçadas e lutas, para se preparar para as guerras e competições, para celebrar os nascimentos, para tentar curar um enfermo, para lamentar uma morte.

Na Antiguidade clássica, a relação da humanidade com o corpo sofreu grande influência das culturas grega e romana, que, muito competitivas, preparavam seus jovens para os grandes jogos olímpicos. Mas, enquanto o povo grego valorizava a simetria, a perfeição das formas, a beleza e utilizava os exercícios físicos para o aprimoramento da beleza estética, os romanos, mais preocupados em formar jovens guerreiros para a conquista de novos territórios, relacionavam as práticas esportivas a treinamentos intensivos, com exercícios físicos para o aprimoramento militar, a disciplina cívica, o caráter competitivo, o fortalecimento do corpo e a energia espiritual.

Porém, com o advento do cristianismo, começaram a se disseminar concepções que se pautavam na valorização do espírito em detrimento do corpo. A noção hegemônica era que o corpo submetia o homem à sua condição de animal. Mas foi na Idade Média, com a consolidação do Teocentrismo (a ideia de Deus como centro do universo), que o corpo perdeu definitivamente seu lugar privilegiado, passando a ser associado a práticas pecaminosas. Assim, tanto os filósofos do final da Antiguidade como os medievais, dentre eles São Tomaz de Aquino, concebiam o corpo como instrumento da alma.

Por volta do século XV, a Igreja Católica começou a perder sua hegemonia econômica, política e ideológica, mas a dicotomia entre corpo e mente já tinha se consolidado. Junto com o corpo, foram “relegados a um segundo plano algumas dimensões e canais de expressão da experiência humana, entre elas as sensações físicas, as emoções, os afetos, os desejos, a intuição, a criação artística”. (TIRIBA, 2008, p. 24).

No século XVII, em nome de uma racionalidade pura, Descartes definiu o homem como sendo fundamentalmente espírito (“Penso, logo existo”). Sua teoria estabeleceu uma assimetria entre o corpo e a mente, onde o primeiro, com todas as suas potencialidades, tinha que se submeter a uma razão que, por ser pura, dirigiria os indivíduos à verdade. Segundo Tiriba (s.d.), no texto A pele é a raiz cobrindo o corpo inteiro: as linguagens do corpo,

Somos parte de uma civilização ocidental que, para realizar o seu projeto de modernidade, precisou provocar algumas cisões filosóficas e epistemológicas. [...] O projeto de modernidade enquanto desenvolvimento/progresso material, que foi gestado ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII e floresceu nos séculos XIX e XX, está, ainda hoje, sustentado numa supervalorização da razão em detrimento de outras dimensões humanas (s.p.).

Mais tarde, com o surgimento dos Estados Nacionais e a ascensão política e econômica da classe burguesa, a relação da sociedade ocidental com o corpo modificou-se completamente. Cada governante geria seu território de forma a preservar os bens e as pessoas, analisando os dados estatísticos e demográficos e implantando políticas para controlar as questões pessoais (nascimentos, óbitos, casamentos, etc.) que podiam interferir na vida da população (FOUCAULT, 1999). Concomitantemente, a burguesia fomentou a emergência de novas formas de relação com o corpo, com preocupações nunca antes cogitadas (vigilância sobre a masturbação da criança, instabilidade do humor das mulheres, surgimento da sexualidade e da noção de complexo de Édipo). Como não tinha “sangue azul”, a burguesia ofereceu seu próprio corpo para a validação de várias ciências, como a medicina, a psiquiatria, a psicologia e a pedagogia (FOUCAULT, 1988).

O percurso traçado mostra como o corpo é continuamente ressignificado de acordo com os diferentes contextos históricos; tenta esclarecer a relação da sociedade ocidental com o corpo em cada contexto histórico. Toda essa discussão serve de base para entendermos o formato de escolarização que temos hoje, pois a escola não é natural. Ela nasce da necessidade de disciplinar os corpos dos meninos (e, mais tarde, das meninas) para atender a demandas econômicas (mercado de trabalho), sociais (moral burguesa) e políticas (fortalecimento dos Estados Nacionais). Haja vista que o início da escolarização, no século XIX, desconsiderava a subjetividade do corpo infantil, indo ao encontro da ideia de um corpo científico, biológico e psicológico, que precisava ser educado, disciplinado, controlado. Mas, como se deu esse processo de escolarização? Qual o lugar ocupado pelo corpo nele?

Rousseau, que viveu no século XVIII, se tornou um marco importante para a pedagogia, ao romper com a ideia de que a criança era um ser desprezível, destituído de alma, um adulto em miniatura. Para ele, a educação deveria, antes de qualquer coisa, formar o homem. Sugeriu, então, a prática de exercícios físicos, a alimentação pura e sadia e o arejamento do



ambiente, elementos para a saúde e o desenvolvimento corporal, aconselhando:

Cultivai a inteligência de nossos alunos, mas cultivai antes de tudo, o seu físico por que é ele que vai orientar o desenvolvimento intelectual; fazei primeiro vosso aluno são e forte para poder vê-lo inteligente e sábio (ROUSSEAU *apud* BONONINO, 1931, p. 77).

As ideias de Rousseau traduzem bem a consolidação da concepção de infância como uma fase específica da vida humana, o que permitiu a expansão de várias experiências pedagógicas. No final do século XIX e início do século XX, por exemplo, surgiram tendências pedagógicas mais abertas, como as teorias de Montessori, Decroly, Freinet, Piaget, Vygotsky, Froebel, que questionaram os métodos mais tradicionais e colocaram os interesses e/ou necessidades dos sujeitos no centro do processo de escolarização. Defendiam que a escolarização e a possibilidade de expressão permitiriam o desenvolvimento do pensamento na infância.

No entanto, as discussões propostas pelos teóricos acima não impediram que discursos de uma educação compensatória ganhassem força por volta dos anos 1970. Segundo essa concepção, a criança pobre teria um déficit cultural e a escola teria o papel de moralizar e controlar a vida social: ensinar regras e valores, controlar corpos e comportamentos, definir a utilização dos espaços, diferenciar meninos e meninas. Essa crença favoreceu a proposição de atividades repetitivas e sem sentido, que visavam apenas desenvolver a disciplina, a concentração e a coordenação, sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento da linguagem corporal.

Uma forma de trabalho que ilustra essa concepção e que ainda persiste são as aulas de Educação Física baseadas em exercícios repetitivos que objetivam apenas disciplinar os corpos dos pequenos e prepará-los para a alfabetização (os famosos exercícios para desenvolver a coordenação motora) e em práticas esportivas que enfatizam a competição. Tais aulas não propiciam às crianças o que Vago (1996) chama de *práticas corporais lúdicas*, ou seja, práticas de um corpo “brincante”. Observando algumas crianças consideradas “portadoras de ‘grande defasagem intelectual, emocional e social’ realizando suas práticas corporais lúdicas nos espaços e nos tempos da escola”, tais como corridas no pátio, jogos de futebol e cambalhotas no gramado, o autor afirma que “naquele instante, elas provavam, sentiam, viviam, experimentavam seu corpo, e construíam ali sua corporeidade.” (p. 53).

Nos dias de hoje, além de tentar ressignificar suas concepções e práticas pedagógicas referentes ao corpo, a escola ainda tem que se haver com os apelos da mídia e da indústria de produtos destinados ao corpo, com a erotização do corpo infantil e com a banalização da sexualidade.

Portanto, segundo Goellner (2003), falar de corpo é falar também da identidade atribuída aos sujeitos pela cultura contemporânea. Exige repensar o conflito entre corpo e mente, na medida em que o processo de constituição da identidade é influenciado pelos conhecimentos adquiridos e pelos desdobramentos do crescente mercado de produtos e serviços direcionados ao corpo.

É claro que a escola não pode, e nem deve desejar, controlar a educação ofertada pela família e pela mídia, mas essas discussões não podem ficar fora de um currículo que conceba o corpo como uma dimensão importante do ser humano. Deve ser uma preocupação constante das IEl a garantia de um trabalho com a linguagem corporal que contemple o movimento, a expressividade, as sensações, a saúde, o autocuidado e a sexualidade, mas que também questione estereótipos e “verdades” produzidas pela mídia e pela cultura.

É necessário atentar para o fato de que o modelo de corpo oferecido pela mídia é magro, alto, louro e de olhos claros. Portanto,

corpos “anormais” não fazem parte dos brinquedos encontrados nas escolas ou em nossas casas. [...] Esse modelo leva crianças de lugares os mais diferentes a querer modificar seus corpos com o objetivo de fazê-los parecer o mais o possível com os “normais” e “bonitos”. As imagens e discursos veiculados na mídia são carregados de significados, trazem embutida uma “pedagogia da beleza”. [...] Por isso é importante [...] apresentar diferentes repertórios de brinquedos a serem utilizados nas atividades com bonecos e bonecas, a fim de questionar os tipos físicos tidos como “certos”, pois é nos corpos que se inscrevem nossos modos de sermos sujeitos. (BRANDÃO;TRINDADE, 2010 p. 31-32).

1.3 Como a criança aprende, se desenvolve e torna-se progressivamente humana, por meio desse campo de experiência?

Quando nasce, o bebê não anda, não fala e não se alimenta sozinho, sendo extremamente dependente do adulto. Uma de suas primeiras manifestações é o choro, por meio do qual ele comunica que algo está acontecendo. Aos poucos, na relação com outros humanos, ele começa a perceber a função de determinados gestos e expressões, conhece as potencialidades do seu corpo e começa a usá-lo para se apropriar do mundo. Assim, ao ser inserido na cultura, o bebê, com seu corpo, inicia seu processo de humanização.

Na medida em que cresce e se desenvolve, a criança começa a perceber que pode imitar os gestos das pessoas que convivem mais intimamente com ela para comunicar e conseguir o que quer. Aprende a apontar os objetos que deseja, a se sentar para ter uma visão melhor das coisas e das pessoas, a engatinhar para alcançar sozinha o que quer e, por fim, a andar, ficando com as mãos livres para segurar os objetos que alcança. Se a criança tiver alguma deficiência física ou mental, esse processo pode ser mais lento e, em alguns casos, pode chegar a não acontecer, mas ela vai tentar se apropriar do espaço da forma mais parecida possível com os modelos que possui e com os recursos que o seu corpo oferece.

Concomitantemente a esse processo de conseguir se locomover, a criança experimenta o mundo com todo o seu corpo. Na medida de suas potencialidades físicas e mentais, pega os objetos, leva-os à boca, conhece gostos e cheiros, reconhece ruídos familiares. Essa exploração do espaço vai ajudar a criança a desenvolver as habilidades necessárias para se locomover sozinha ou, no caso de crianças com deficiência, para se apropriar, ainda que de outras formas, do ambiente que a cerca.

Para além da questão física, a infância é uma fase de grande desenvolvimento da função simbólica, sendo necessário

oferecer a todas as crianças condições para compreender esse mundo tão rico em informações e possibilidades. A linguagem corporal é uma das formas que a criança utiliza para representar o mundo e, conseqüentemente, para consolidar o pensamento simbólico.

Para que os processos de locomoção e de desenvolvimento do pensamento simbólico sejam potencializados, o adulto que cuida da criança deve proporcionar um ambiente estimulante, que permita a ela, entre outras coisas, se movimentar, pular, correr, pegar objetos, colocar objetos na boca, tocar a própria pele e a das outras pessoas, imitar, expressar sentimentos e ideias. Isso vai levar a criança a conhecer o próprio corpo, a conhecer a si e o meio em que vive, a ampliar suas sensações e emoções, a significar e se apropriar dos gestos, hábitos e costumes da sua cultura, a se autocuidar, a descobrir o mundo, a construir conhecimentos e, acima de tudo, a sentir prazer, muito prazer.

Ao imitar os papéis desempenhados pelos adultos, por exemplo, ela os compreende e começa a entender como se dão as relações sociais. Esse processo de apropriação deve ser mediado pelos adultos da instituição, que vão observar e acompanhar as brincadeiras, participando e interagindo com as crianças.

As considerações acima se aplicam ao trabalho com todas as crianças atendidas em IEl, mas existem algumas especificidades quando se trata de crianças de 0 até 3 anos de idade e de crianças com deficiência.

As crianças de 0 até 3 anos de idade estão iniciando o processo de construção da linguagem oral e de significação de gestos, o que vai exigir do adulto uma atenção especial no trabalho com essa faixa etária. Portanto, é necessário conver-





sar muito com essas crianças, desafiá-las, possibilitar a sua locomoção, oferecer objetos diversos e permitir a interação delas com crianças da mesma idade, com crianças mais velhas e com outros adultos. Quando o adulto acredita que a construção do conhecimento passa também pelo corpo, ele propõe atividades que privilegiam o movimento e a expressividade, possibilitando que a criança se aproprie da cultura da forma mais intensa possível.

Outro grupo que precisa de atenção especial é o de crianças com deficiência, uma vez que seus ritmos de aprendizagem são muito diferentes. Não se pode esperar que uma criança com deficiência conheça e reconheça o mundo do mesmo modo que as demais. No entanto, cabe ao adulto realizar um trabalho de observação sistemática dessa criança, com o objetivo de descobrir a melhor maneira de desenvolver a linguagem corporal dela. Isso só será possível se o adulto se desvencilhar da ideia de déficit e trabalhar na perspectiva da potencialidade. Portanto, a pergunta não é “o que essa criança não dá conta de fazer?”, mas, sim, “o que ela já consegue realizar?”, levando em consideração que toda criança é capaz de aprender. Com deficiência ou não, a criança tem um corpo que precisa ser inserido na cultura, que precisa ser humanizado.

Fica evidente, então, que a interação é a estratégia privilegiada para que todas as crianças possam desenvolver a linguagem corporal. E é nessa perspectiva de estimulação e troca que Pasqualini (2004) afirma que:

As crianças vão construindo conhecimentos, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo, experiência vivida num universo de corpos que tocam, olham, cheiram, comem, escutam. Corpos que sentem o mundo, lêem o mundo. Durante o brincar, os movimentos, os gestos vão construindo a cultura, e se constituem como fontes de experiências, satisfações e insatisfações físicas e emocionais (p. 31).

Nesse sentido, deve-se ampliar o leque de possibilidades corporais por meio de atividades que incentivem o movimento, a imitação, o contato físico, o cuidado/autocuidado, a degustação de diferentes alimentos, o manuseio de diversos materiais, o autoconhecimento físico e emocional, as brincadeiras, os jogos, os passeios, as dramatizações e a dança. É por meio das experiências vividas que o indivíduo tem a possibilidade de levantar inúmeras hipóteses para construir e reconstruir conhecimentos, adquirindo autonomia e independência. É nesse processo que a criança constrói sua identidade e se apropria do mundo para viver nele de forma cada vez mais humana.

A construção de todo e qualquer tipo de conhecimento inicia-se no corpo e a instituição de Educação Infantil - espaço legítimo de construção de conhecimentos formais e informais - não pode deixar o corpo e a linguagem corporal fora de seu currículo.

2 OBJETIVOS

A Educação Infantil, em relação ao corpo e à linguagem corporal, deve possibilitar às crianças:

- ampliar experiências sensoriais, expressivas e corporais.
- conhecer o próprio corpo na sua integralidade construindo, gradativamente, a imagem mental dele.

- construir a identidade corporal.
- construir a autonomia de movimentos.
- reconhecer os limites e as possibilidades do corpo no espaço e o prazer que pode usufruir dele.
- comunicar corporalmente desejos, sentimentos, emoções e sensações.
- desenvolver a sexualidade própria da sua faixa etária, vivenciando-a da forma mais natural possível.
- desenvolver noções básicas de segurança, de saúde, higiene e autocuidado.
- apropriar-se dos gestos, hábitos e costumes da sua cultura, significando-os.
- apropriar-se das manifestações da cultura e do patrimônio cultural relacionados ao corpo tais como jogos, danças, brincadeiras, teatro e outras.

3 EXPERIÊNCIAS

Tendo como eixo a formação humana, a Educação Infantil deve, em relação ao corpo e à linguagem corporal, proporcionar às crianças a vivência de múltiplas experiências, tais como:

- Ser respeitada na sua especificidade física.
- Ser incentivada a encarar desafios corporais.
- Manusear e explorar sensorialmente objetos e materiais diversos (morder, olhar, cheirar, ouvir, degustar, amassar, rasgar, picar, embolar, enrolar, etc.).
- Explorar as várias possibilidades dos materiais e objetos no espaço: pegar, encaixar, empilhar, puxar, segurar, enfileirar, agrupar, chutar, arremessar, etc.
- Explorar as várias possibilidades do corpo no espaço: sentar, arrastar, engatinhar, rolar, ficar em pé com apoio, andar, correr, pular, saltar, rodar, dançar, marchar, subir escadas, ultrapassar obstáculos, passar dentro, equilibrar-se, abraçar, esconder, passar por circuitos, túneis, trilhas, etc.
- Imitar movimentos.
- Fazer mímica.



- Tirar sons do próprio corpo.
- Expressar sentimentos e sensações com o corpo.
- Contemplar sua imagem no espelho, fazendo caretas, gestos e sorrindo diante dele.
- Relaxar.
- Massagear e ser massageado.
- Identificar e comparar semelhanças e diferenças corporais.
- Ser respeitada na vivência da sua sexualidade.
- Degustar diferentes alimentos.
- Alimentar-se sozinho.
- Controlar os esfíncteres.
- Rasgar, recortar e colar.
- Brincar no parquinho.
- Assistir peças teatrais.
- Dançar.
- Brincar de faz de conta.
- Experimentar roupas, enfeites e adornos.
- Ganhar e perder (nas brincadeiras e jogos).
- Brincar de roda.
- Andar de velotrol.
- Brincar com corda, colchões, bola, bancos, etc.
- Lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho.



- Despir-se e vestir-se sozinha.
- Calçar e amarrar o tênis.
- Cuidar do corpo, atendendo as regras de segurança, proteção e higiene.
- Rodar bambolê.
- Jogar bola, peteca, etc.
- Construir brinquedos, quebra-cabeças, utilizando diferentes materiais.
- Representar o próprio corpo e o corpo dos colegas e adultos da instituição por meio de desenhos, modelagem, músicas, etc.
- Participar de jogos corporais (amarelinha, capoeira, pegador, etc.).
- Visitar o entorno da escola (parques, praças, lojas, supermercados, centros culturais, etc.).
- Atravessar ruas e avenidas sob a orientação das profissionais da instituição.
- Dramatizar e produzir representações teatrais de pessoas, de fantoches, de sombra, de vara, de máscaras, fazendo cenários, figurinos, sonoplastia.
- Fazer apresentações para colegas, funcionários e familiares.
- Realizar investigação sobre danças, jogos e brincadeiras.
- Ouvir informações sobre o funcionamento do corpo humano.



4 SABERES E CONHECIMENTOS

A partir das experiências relacionadas acima e de muitas outras, as crianças poderão construir saberes e conhecimentos, tais como:

- Desenvolvimento da Identidade corporal;
- Importância do autoconhecimento físico e emocional;
- Possibilidades e limites do próprio corpo;

- Autonomia de movimento;
- Percepção das diferenças e semelhanças entre as pessoas;
- Respeito à diversidade;
- Atitudes de ousadia e coragem;
- Noções espaciais (lateralidade, equilíbrio, espessura, largura, comprimento, profundidade, perto, longe, embaixo, em cima, etc.);
- Controle e planejamento de movimentos;
- Percepção de ritmos diversos;
- Percepção do silêncio e da inércia em oposição ao barulho e ao movimento;
- Utilização de respiração adequada;
- Percepção de tensão e relaxamento;
- Compreensão da sexualidade;
- Diferenciação de diferentes odores, sabores, texturas, sons e imagens;
- Atitudes adequadas como plateia;
- Respeito ao outro;
- Elaboração e cumprimento de combinados, regras e instruções;
- Atitudes de cooperação;
- Noções e hábitos de saúde, higiene, autocuidado e proteção;
- Regras para locomoção segura nos diferentes espaços;
- Segurança para apresentação em público;
- Identificação de diferentes manifestações culturais, como danças e brincadeiras populares;
- Percepção do funcionamento do corpo humano.



5 DINAMIZAÇÃO DO CAMPO DE EXPERIÊNCIA DO CURRÍCULO NA RELAÇÃO COM OS ELEMENTOS DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Na história da escolarização da infância, o trabalho corporal vem sendo tratado como secundário, tendo como objetivo complementar ou preparar para outras disciplinas consideradas mais importantes. Às vezes, é utilizado para ocupar o tempo, com ênfase no aprendizado da coordenação motora, de habilidades e de percepções. O trabalho nessa vertente propõe atividades repetitivas, entendendo que elas serão suficientes para garantir que a criança se aproprie da sua corporeidade. Podemos citar como exemplo os pontilhados para as crianças “passarem por cima”, a proposta de andar em cima de uma linha riscada no chão, a nomeação das partes do corpo, a ideia de que o corpo deve ser trabalhado por partes, as aulas de Educação Física que privilegiam os polichinelos, as flexões, os jogos de competição e a noção de disciplina como silenciamento.

Ademais, a despeito de termos vinte ou sessenta anos, a escola na qual estudamos operava nessa lógica restrita em relação ao trabalho com o corpo, o que deixou marcas muito fortes em todos que passaram por ela. Portanto, ainda que a cisão provocada pelo pensamento cartesiano e a disciplinarização da sociedade ocidental (tese defendida por Foucault) sejam bastante questionadas hoje, não podemos dizer que elas foram completamente abolidas da escola. Somos produto, mas também produtores delas, desenvolvendo atividades que silenciam os corpos das crianças. Muitas instituições de Educação Infantil, ainda hoje, partem do pressuposto de que a aprendizagem só é possível num ambiente em que impere a ordem, o silêncio, a imobilidade.

Além disso, ninguém está descolado do presente, o que significa que os corpos de crianças, jovens, adultos e velhos continuam sendo marcados pelas exigências deste tempo também. Tempo em que as crianças têm maior liberdade de expressão. Tempo em que os conceitos tradicionais sobre gênero e sexualidade estão sendo questionados. Tempo em que questões sobre a sexualidade adulta estão cada vez mais expostas e banalizadas. Tempo em que os corpos infantis são erotizados pela mídia. Tempo em que os corpos, face à voracidade do mercado, passam a ser mercadoria à qual se acoplam outras mercadorias.

Portanto, uma prática mais libertária em relação ao trabalho com o corpo vai requerer uma reflexão sobre a forma como o adulto se relaciona com o próprio corpo. Geralmente, as experiências em relação ao corpo são bastante repressivas, dependendo, entre outros fatores, da idade, do gênero e da família, o que impõe o desvelamento das marcas que a escola, a família e a cultura deixaram e deixam nos sujeitos, em seus corpos, na sua sexualidade, na sua subjetividade.

Então, trabalhar a dimensão corporal com as crianças de 0 até 6 anos requer reconhecê-las como sujeitos que se apropriam da cultura e, ao mesmo tempo, produzem cultura; como sujeitos de direitos que precisam ser respeitados nas suas especificidades e formados na sua integralidade de seres humanos; como sujeitos de desejos que querem ser satisfeitos; como meninas e meninos que têm necessidade de compreender o mundo para viver nele da forma mais humana possível.





Requer também questionar as relações que estabelecemos com elas e com as colegas de trabalho, assim como as relações que elas estabelecem com o coletivo de funcionários da escola, na medida em que relações de respeito e de atenção são importantes demais para serem relegados a segundo plano. Ainda é preciso levar em conta o contexto onde essas crianças vivem, as especificidades da sua faixa etária e as exigências do mundo contemporâneo.

Em relação a esse último aspecto, sabemos que a sociedade atual sofre uma influência avassaladora da mídia, cujos padrões levam famílias, adolescentes e até mesmo crianças a se entregarem a um consumo desmedido e a naturalizarem a erotização dos corpos infantis e a banalização do sexo. Além disso, conforme discussão anterior, a mídia oferece o modelo “certo” de corpo, inferiorizando os corpos tidos como “anormais”. Sobre essa questão, Oliveira (2004) esclarece que

A tecnologia, a indústria cultural e da beleza [...] continuamente lançam para o indivíduo a responsabilidade pela qualidade de vida, pelo bem-estar, valorizando a manutenção do corpo. A manutenção e aparência do corpo na cultura de consumo que vivemos sugere duas categorias: o corpo interno e o externo. O interno refere-se à saúde e ótimo funcionamento do corpo como um todo, exigindo manutenção diante de doenças e do declínio orgânico no processo de envelhecimento. E o segundo refere-se à aparência e a seu controle dentro do espaço social. (s.p).

Nessa mesma direção, o Proinfantil, material de formação produzido pelo MEC, destaca:

Hoje, cada vez mais, os corpos têm sido solicitados e enfatizados na sociedade e na cultura. Nas revistas e nos canais de televisão anunciam-se novas modas, desejos e necessidades. Aparecem, dia após dia, novos produtos e práticas que trazem promessas e receitas de felicidade, prazer, juventude, diversão, eficiência, habilidade, saúde, relaxamento. Mas os corpos têm sido valorizados tendo como princípio o direito, a dignidade, a liberdade, o conhecimento, a sensibilidade e a vida em sua riqueza e totalidade? Ou, ao contrário, revelam formas de controle e incentivos ao consumo que, a cada dia, vão sendo elaboradas e impostas a todos? (LOPES; MENDES; FARIA, 2006, p.12).

Atentos às questões acima, as profissionais precisam organizar os espaços, os tempos, as metodologias, os agrupamentos de crianças, os instrumentos de trabalho e os materiais de forma a favorecer a realização do trabalho com o corpo. Isso implica, entre outras coisas, deixar a sala de atividades com o maior espaço livre possível para as crianças se movimentarem, levar as crianças para explorarem o espaço externo à sala de atividades e à instituição, diminuir o tempo que elas ficam sentadas, possibilitar a interação delas com o meio, dispor os materiais de maneira a favorecer o manuseio fácil e seguro. As escolhas feitas pela profissional em relação a esses aspectos traduzem suas crenças, suas concepções de mundo, de criança, de sociedade, de Educação Infantil e de desenvolvimento e aprendizagem nessa faixa etária, o que influencia fortemente, positiva ou negativamente, a formação das crianças com as quais trabalha.

Diante do exposto, é necessário que as profissionais:

- reconheçam os interesses, gostos e desejos das crianças.
- proponham atividades significativas e, quando possível, dentro de projetos de trabalho.

- ofereçam diversos materiais para as crianças manusearem, permitindo a elas tocá-los, levá-los à boca, conhecê-los e reconhecê-los.
- organizem o espaço da sala de aula e do pátio, de forma a privilegiar e favorecer o movimento das crianças.
- privilegiem o uso do espaço externo à sala de atividades e à instituição, em função da maior possibilidade de a criança movimentar-se.
- promovam passeios e excursões aos mais variados locais.
- envolvam as crianças na pesquisa e na identificação dos conhecimentos que se relacionam aos movimentos corporais, fazendo e ouvindo perguntas, formulando novas questões e estimulando a curiosidade, a criatividade e a inventividade delas.
- garantam o aprendizado de técnicas (maneiras de fazer) que possibilitem às crianças realizarem movimentos e gestos com maior facilidade.
- ajudem a criança a construir uma autoimagem positiva, intervindo nas situações em que preconceitos e/ou racismo se apresente.
- ajudem as crianças a identificar, significar, ressignificar e, se necessário, apagar as marcas negativas deixadas no corpo pela cultura.
- trabalhem com as crianças a expressão de suas singularidades, mas sem esquecer da produção coletiva de gestos, movimentos, dramatizações e escolha de temas. Os significados e sua compreensão emergem das relações compartilhadas, reconhecidas e apropriadas.
- valorizem a identidade cultural de todas as crianças.
- ajudem as crianças a compreenderem sua cultura e sua história.
- resgatem, por meio de conversas e entrevistas, as experiências corporais coletivas da comunidade onde as crianças vivem.
- procurem conhecer as diversas manifestações culturais que privilegiam o uso do corpo, como danças, músicas, brincadeiras, teatro e outras.
- estabeleçam relações entre a cultura mais ampla e o contexto das crianças.
- partilhem com as crianças danças, músicas e ritmos variados, o que significa dançar junto, dramatizar, produzir

sons com diferentes objetos e com o próprio corpo.

- possibilitem que as crianças inventem movimentos, gestos e jeitos de dançar, encenar, representar, se expressar e produzir ritmos e sons.
- Incentivem a produção e a apresentação de peças teatrais.
- levem as crianças para assistir peças teatrais, concertos, shows e apresentações artísticas em geral.
- preparem um cantinho com roupas, adornos e acessórios para as crianças.
- proponham jogos coletivos que pressuponham a colaboração e não a competição.
- favoreçam o desenvolvimento de noções básicas de higiene, segurança e autocuidado, ensinando as crianças a se vestir, a amarrar os sapatos, a lavar as mãos, a escovar os dentes, a usar o banheiro, a tomar banho, etc.
- favoreçam a interação entre as crianças, formando grupos com a mesma idade e com idades diferentes, bem como possibilitem a interação com os adultos da instituição.
- estabeleçam, sempre que possível, relações com o trabalho de outros profissionais da instituição.

Enfim, trabalhar com o corpo na Educação Infantil é uma oportunidade de ajudar as crianças a desenvolverem essa dimensão tão importante do ser humano, mas é também a oportunidade de a profissional se interrogar sobre as experiências corporais que propõe cotidianamente às crianças. Portanto, não é um trabalho pronto, mas uma tarefa que, mesmo sistematizada e intencional, pode ser sempre reiniciada de acordo com o que a realidade exigir.



6 REFERÊNCIAS

BONONINO, L. L. *Histórico da educação física*. Futura, Imprensa Oficial, 1931.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. (Orgs.). *Modos de brincar*: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A cor da Cultura, v. 5).

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Resolução 5 de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. 2009.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *Múltiplas Linguagens e formas de Interação da Criança com o mundo Natural e Social II: Corporeidade, Artes, Música – Linguagem gestual, Corporeidade e Movimento*. Universidade Aberta do Brasil.UFMG, 2006

DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. Dança e Estilo de Vida: o corpo lúdico no contexto. In: ENAREL, 14, 13/16 Nov. 2002, Santa Cruz do Sul/RS. Disponível em: http://www.redcreacion.org/documentos/enarel14/Mt_dc04.html Acesso em: 10 de abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade – Curso do Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto (Orgs.). Livro de Estudo: Módulo IV. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. (Coleção Proinfantil, v. 2, mod. IV, un. 4)

OLIVEIRA, Eliany Nazaré. Atividade física na história da humanidade. 2004. Disponível em: <http://www.noolhar.com/opovo/Opi-niã/329322.html>. Acesso em: 15 jan. 2010.

PASQUALINI, Sueli Teresinha. *O Brincar e suas Várias Linguagens*: um estudo de caso enfocando a formação do professor de Educação Infantil. Florianópolis: UDESC/UNIDAVI, 2004. 97 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-05-09T171607Z-183/Publico/SueliPasqualini.pdf. Acesso em: 15 jan. 2010.

TIRIBA, Léa. Seres humanos e natureza nos espaços de Educação Infantil. Revista Sinpro-Rio, Rio de Janeiro, Jun. 2008. Disponível em: http://www.sinprorio.org.br/publicacoes/revista/Download/revistaed_infantil.pdf. Acesso em: 15 dez. 2010.

TIRIBA, Léa. *Crianças, Natureza e Educação Infantil*. 2005. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2005, 249 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.nima.pucrio.br/cursos/pdf/023_lea.pdf. Acesso em: 20 jan. 2010.

TIRIBA, Léa. A Pele é a Raiz Cobrindo o Corpo Inteiro: as linguagens do corpo. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/ling/lingtxt1.htm>. Acesso em: 20 jan. 2010.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Escola: lugar de práticas corporais lúdicas. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v.2, n. 10, jul./ago. 1996.



Secretaria Municipal de
Educação e Cultura



Uma cidade cada dia melhor.